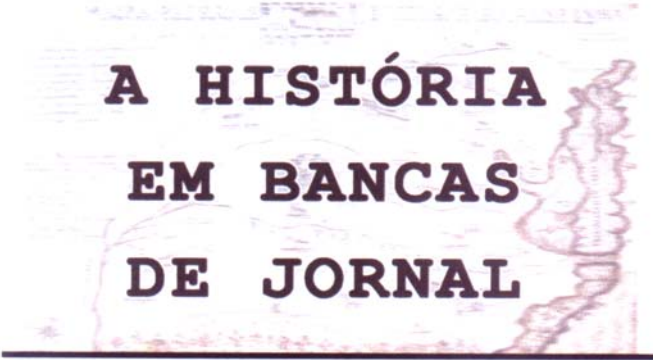




ECLÉTICA 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer¹

Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux² sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

¹ Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: raglezer@usp.br.

² Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase? : a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso³. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

Em complementação

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio (www.raquelglezer.pro.br), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”⁴, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003⁵.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

³ Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

⁴ No sítio www.facasper.com.br/cip/iniciencia: “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História ...*”; e-mail: marcelamastrocola@gmail.com.

⁵ Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail thatianamurillo@uol.com.br.

1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais⁶. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’⁷ é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura⁸. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

⁶ Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷ Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

⁸ Ver: a) sitio: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/, do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise⁹.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação¹⁰.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril¹¹ lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

Janeiro; b) sitio da Intercom: www.intercom.org.br/, especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

⁹ Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

¹⁰ Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

¹¹ No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’¹², marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú¹³, H. G. Wells¹⁴ e Will Durant¹⁵.

A Editora Ediouro¹⁶ tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros¹⁷, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome¹⁸, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir¹⁹ também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

¹² Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

¹³ Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

¹⁴ H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

¹⁵ Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

¹⁶ Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

¹⁷ Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo. Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

¹⁸ Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadado, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

¹⁹ Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

3. O contexto

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes²⁰. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

²⁰ Conforme dados do IBGE, no sítio: www.ibge.gov.br/, em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e dvds, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações²¹. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX²².

²¹ Ver nota 3.

²² Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.

4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin²³ ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiosincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

²³ BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.
São Paulo, segundo semestre de 2005.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TEORIA DA HISTÓRIA

Prof^a. Raquel Glezer

As Versões de Getúlio

Análise das matérias sobre Getúlio Vargas nas revistas *Desvendando A História*, *Aventuras na História* e *História Viva*.

Guilherme Pedroso Nascimento N° USP: 3496566
Flávia Gomes da Silva Nozue N° USP: 5099730

“VERSÕES” DE GETÚLIO

Objetivo

Para nosso trabalho selecionamos um mesmo tema presente em três revistas. Pretendemos, deste modo, analisar o material pormenorizadamente, além de comparar as publicações.

Objeto da Pesquisa

Selecionamos três revistas vendidas periodicamente nas bancas que abordaram temas iguais num período determinado, quais sejam (em ordem alfabética):

- 1) Aventuras na História, da Editora Abril, edição n.º12. Revista tem como público alvo leitores na faixa etária entre 15 a 37 anos (47% dos leitores). Tem por objetivo informar um público leigo.
- 2) Desvendando a História, da Editora Escala, edição n.º 1. revista cujo público alvo se encontra na faixa etária dos 21 aos 40 anos, sendo 47 % do Ensino Superior.
- 3) Nossa História, da Editora Vera Cruz, edição n.º 10. Revista voltada para alunos e professores, objetivando ser um material auxiliar para o aprendizado e ensino de História.

Todas foram publicadas no mês de agosto de 2004, data que marcou os 50 anos da morte de Getúlio Vargas. Por isso também, o tema foi reportagem de capa de todas as publicações.

Metodologia

A partir da leitura das reportagens, elaboramos um quadro comparativo, contendo informações que julgamos importantes para a posterior análise do material.

Abaixo segue o quadro.

<u>Revista</u>	Aventuras	Desvendando	Nossa História
Dados/informações recorrentes			
n.º de páginas	09	10	25
Indicação de bibliografia complementar	x	x	x
Site disponível	www.abril.com.br	www.escala.com.br	www.nossahistoria.net
Imagens legendadas	x	x	x
Reconstituição cronológica dos fatos	x	x	x
Idéias de herança, legado político	x	x	x
Carlos Lacerda – inimigo de Getúlio Vargas	x	x	x
Getúlio Vargas – herói, mito	x	x	x
Suicídio adiou o golpe por 10 anos – continuidade da democracia	x	x	x

Análise

A revista *Aventuras na História* trazia em sua capa a chamada para uma reportagem sobre a morte de Getúlio Vargas, fato que aniversariava cinquenta anos. Apesar do alarde, a edição apresenta apenas nove páginas da matéria, sendo que cinco delas trazem a página dividida pela metade, com texto em apenas uma das partes, cabendo à outra, fotos ou informações “gráficas”. Duas páginas são dedicadas a um resumo, que mistura texto e fotomontagens, do dia em que Vargas “se matou”. Apenas uma é escrita por inteiro, trazendo ao seu final uma espécie de referencia bibliográfica, intitulada *Saiba Mais*. Da página 33 à 36, há uma cronologia referente aos últimos vinte dias de Getúlio Vargas, até culminar nas páginas 37 e 38 no dia do suicídio, 24 de agosto de 1954, representado pela fotomontagem acima citada.

O título é bastante chamativo, *Por que Getúlio se matou*, mas a resposta para a pergunta não é respondida no corpo da matéria, apenas são feitas suposições. Há uma clara referencia à História Oficial, pois em momento algum há o questionamento de se ele realmente se matou ou se foi morto.

O texto é escrito de forma bastante romanciada, como se estivéssemos vivendo o momento do fato, inclusive apresentando frases que teriam sido ditas pelos atores em determinados momentos. Apesar disso mantém-se distante quando fala das questões que até hoje estão presentes. Durante quase toda a reportagem o leitor transita junto às personalidades da época e de suas armadilhas. No texto há o “herói”, Vargas, e seu “arquiinimigo”, Carlos Lacerda. A partir de fatos ocorridos com os dois principais atores, se desenrolaria toda uma história de tramas, envolvendo os ministros, amigos, parentes e o exército que, cada um a sua maneira, tentavam proteger seus interesses e dar um norte ao Brasil.

Apesar de falar de uma determinada época, de citar diversos nomes e de ligar o ocorrido ao regime militar de dez anos depois, a revista consegue desligar o leitor do que acontecia, de um modo geral, no país, assim como quem são os atores ou sobre suas histórias. Todos são apresentados com nome e

sobrenome, mas para aquele determinado momento, sem termos como entender de onde surgiram ou o porquê de estarem ali (exceto os familiares). Fatos como o tiro no pé de Lacerda são apresentados como tal, mas em outros momentos são questionados, sem que se referencie o porquê da afirmação no primeiro momento ou o porquê do questionamento no segundo. Desta forma o leitor caminha por conjecturas cronológicas, sem ter muita certeza de onde está.

Para amparar-se em algo próximo de uma verdade, ou para parecer um pouco mais crível, a matéria, em quatro momentos, cita referências, sendo dois jornalistas responsáveis por livros biográficos de Getúlio, José Louzeiro e Glauco Carneiro; um professor da Unicamp, sem departamento especificado, Jaime Pinski; e um historiador, Marco Antonio Villa. Além das citações, no quadro *Saiba Mais*, são apresentados quatro livros, sendo que só um citado anteriormente, no corpo do texto, e duas fontes na Internet.

Na metade da página em que não há o texto, existe um calendário dos “20 dias que mudaram o Brasil” com um resumo dos fatos que aconteceram em determinados dias e com algumas fotos (com crédito). É interessante notar que a revista em determinados dias grifa os acontecimentos, geralmente os feitos mais *heróicos* do presidente da República.

No quadro de fotomontagem com o resumo do dia de sua morte a revista trás, além da montagem com o Getúlio de pijama listrado com sua epígrafe no bolso esquerdo e um revolver em outro bolso do mesmo lado, em uma camisa de pijama de três bolsos, horários precisos como, por exemplo, “8h05: contra seu costume, sai do quarto...”, “8h15(...) diz [ao barbeiro] que quer ficar sozinho para tentar dormir...”. O que não fica claro é se esse horários são obtidos em documentos policiais, se em relatos ou se são aproximações feitas pela revista para deixar a matéria mais “interessante”. O texto termina elevando seu *herói* a mito e concluindo que os *inimigos da nação* só conseguiram tomar o país dez anos mais tarde, ao derrubarem João Goulart e implantarem o regime militar, em 1964.

O artigo lança uma questão, problematizando se a carta – testamento teria ou não sido escrita por Getúlio Vargas. Porém, a questão fica sem

resposta, é mostrada como fato anexo a grandiosidade dos feitos do herói, justificada na própria reportagem pela frase:

“...a autoria da carta é que menos importa” (p.41)

A revista *Desvendando a História*, trás um artigo que trabalha com a reconstituição cronológica da vida política de Getúlio Vargas a fim de construir a imagem do mito nacional, o qual deixou um “legado” e uma “herança política” que “continua presente nos principais debates político do Brasil” (p.33).

O artigo foi escrito por Marquilandes Borges de Sousa, mestrando da Universidade de São Paulo, que trabalha com tema da II Guerra Mundial.

O autor inicia trazendo a revolução de 30 como fato marcante na carreira política de Vargas. Em seguida, trata brevemente da Revolução de 32, da promulgação da Constituição de 34, o golpe de 37 e do Plano Cohen até chegar ao Estado Novo. Neste momento, trás um breve panorama dos governos ditatoriais de direita que pipocavam na Europa.

Mais adiante, o autor trata do fim do Estado Novo e do retorno de Vargas ao poder nas eleições de 50. Em seguida, Borges apresenta Carlos Lacerda como o grande inimigo de Vargas, tratando também do episódio da rua Toneleiros. Por fim, o autor fala do suicídio de Getúlio e do conteúdo da carta – testamento, sem questionar a autoria.

É interessante notar, que o artigo trabalha com bastante simplicidade o tema, porém apresenta quadros elucidativos a respeito dos principais fatos descritos ao longo do texto. Segue, a seguir, lista dos quadros presentes no artigo:

- Revolução de 30 – p. 34
- Revolução de 32 – p. 35
- Integralistas – p.36
- ANL – p. 37
- Plano Cohen – p.38

- A carta – testamento – p.41

A revista *Nossa História* faz uma abordagem diferente. Reúne em um dossiê, cinco artigos de pesquisadores, a cronologia da vida de Getúlio, intitulada *Getúlio e seu legado*, e uma entrevista com um jornalista que cobriu a morte de Getúlio.

O primeiro artigo é de Ângela de Castro Gomes, pesquisadora do CPDOC/FGV e professora titular da Universidade Federal Fluminense.

Nele a pesquisadora se posiciona claramente como varguista, espalhando pelo texto elogios ao Vargas. No *lud* ele é apresentado como o “grande mito político”. O texto apresenta um lado Humano de Getúlio, como quase um herói. Em diversas passagens do texto ela frisa como ele era ponderado, correto, astuto, entre outros, adornando as páginas com fotos de Vargas com crianças, em caricaturas, sendo homenageado e a multidão que foi ao seu velório. Em determinado trecho, Gomes diz que “Importa assim, ressaltar o ‘sucesso’ imediato do suicídio para a manutenção da democracia no Brasil”, em outro defende as eleições que o levaram ao poder, mostrando, com uma marchinha, como Vargas era adorado pelo povo. Lacerda, no texto um jornalista que ajudou a crise que levou Vargas ao suicídio, é citado apenas uma vez, sem ênfase no atentado ocorrido no fatal agosto.

Em meio às memórias presentes no texto, Gomes faz uma análise do momento, ressaltando a frustração de ter Luís Inácio Lula da Silva como atual governante, mas que este também conseguiu mobilizar crenças e esperanças do povo brasileiro, assim como Vargas. Ela termina o texto defendendo o governo Vargas e suas reformas políticas e econômicas, tanto como ditador quanto como presidente, e que não podemos criticá-lo de forma simples e maniqueísta.

É interessante notar, ao longo do artigo, a maneira como a autora trabalha fortemente com a idéia da construção do mito Getúlio Vargas. Por isso,

faz uma reconstituição cronológica dos feitos políticos de Vargas para que seja possível um melhor entendimento. A autora ressalta também a importância da propaganda para a construção e reforço da figura de Getúlio. Entretanto, a recepção, por parte da população também se faz importante, já que não se trata apenas de simples manipulação de dados e informações. Segundo a idéia de sistema, de Antonio Candido, para se entender a penetrabilidade de um ideário, é preciso compreender o também o contexto e a recepção das informações. Neste caso, existia uma correspondência, de certo modo, entre o que a população via e vivia no cotidiano e aquilo que era dito pela propaganda, com exceção da população do campo.

Entre o primeiro e segundo artigos, há uma página dedicada ao legado de Getúlio. Em suma, se trata de uma cronologia desde a Revolução de 30 até 1979, passando pelo Estado Novo, o suicídio e o golpe de 64. Interessante notar o nome da seção: “Getúlio e seu legado”, quer dizer, o que Getúlio fez (de 1930 até 1954) e seu legado (de 1954 até 1979).

O segundo artigo é de Cícero Antônio F de Almeida, museólogo, coordenador técnico do Museu Nacional de Belas-Artes e professor de museologia da UFRJ. Nele Almeida se atém à carta-testamento encontrada por ocasião do suicídio de Getúlio e suas contradições. O autor trabalha com a idéia de construção do documento. Na página 23, há uma expressão que nos fornece indícios sobre a idéia de Almeida:

“para entendermos a ‘invenção da carta’- testamento e as bases que sustentam sua autenticidade (...)”

Ele diz que há diversas histórias sobre a carta. Alguns dizem que ela era uma carta, escrita a próprio punho, outros que eram várias, datilografadas. Esta segunda hipótese leva Almeida a duvidar que a carta tenha sido escrita por Getúlio, já que ele não sabia datilografar. Ainda nas controversas aparece a figura de sua filha, Alzira Vargas, que o ajudava como conselheira política, que saberia quem escreveu a carta e como foi encontrada. Seu filho, Manuel Vargas,

“em entrevista concedida um ano após a morte do pai, dizia: ‘Sei quem datilografou(...) e não revelo o nome...’”, numa clara demonstração que o legado de Vargas era importante dessa forma pouco esclarecedora.

Almeida finaliza seu texto dizendo que a controversa sobre a autenticidade da carta-testamento serve para assegurar a vitalidade do documento e dos herdeiros de Vargas.

O terceiro artigo é escrito por Alice Beatriz da Silva Gordo Lang, pesquisadora do Centro de estudos Rurais e Urbanos (SP).

Neste artigo, a pesquisadora – especialista em História Oral – recolheu o depoimento de trinta mulheres da elite paulistana, que vivenciaram o período entre 1910 a 1950, buscando resgatar a maneira a partir da qual Getúlio Vargas era visto pelas classes dominantes da cidade. Isso porque, segundo a autora, nas camadas populares a imagem de “pai dos pobres” foi fortemente preservada e disseminada às gerações posteriores.

Ela tenta relativizar a idéia de adoração por Getúlio. Nele, a socióloga e pesquisadora no Centro de Estudos Rurais e Urbanos, conta como foi vista a tomada de poder por Getúlio por mulheres das classes mais abastadas de São Paulo. A idéia unânime defendida na matéria é que ele era visto como um “homem mau”, que queria tomar o Estado para si, com a idéia “demagógica” de dar direitos aos pobres. É interessante notar também que, nesta matéria, o contexto político da época é muito mais evidenciado do que a imagem de Vargas.

A matéria é curta, com três páginas, repleta de fotos de paulistas protestando e de cartazes e charges satirizando o “chuchu”, como era referido Vargas. A matéria é bem superficial, não se atendo em nenhum ponto muito profundamente, mas passando a idéia de discordância com o ideal varguista, vista pela elite paulista.

O quarto texto é assinado por Alexandre Fortes, coordenador no Centro Sérgio Buarque de Holanda da Fundação Perseu Abramo. Em três páginas com poucas fotos, o autor conta como foram os conflitos que ocorreram no Rio Grande do Sul, após o suicídio de Getúlio Vargas. Citando pouco o então

presidente, Fortes contextualiza as lutas e os acordos políticos surgidos de última hora, tentando traçar uma perspectiva política macro, inclusive apontando a relação entre a crise estabelecida, o nacionalismo e medo estadunidense de um sentimento anti-americano. O texto traz, em seu corpo, apenas uma referência, o militante do PCB Eloy Martins. Como referências bibliográficas apresenta três livros além do de Martins.

O quinto artigo, assinado por José Trajano Sento – Sé, cientista político, professor de Ciências Políticas na UERJ, trata do legado deixado por Getúlio Vargas à João Goulart e posteriormente a Brizola.

Neste texto, o autor traça um breve perfil político de ambos e apresenta de que maneira Getúlio se constitui o mestre político de Jango e como, depois da morte do segundo, Brizola ocupou este espaço no cenário político brasileiro. Basicamente, Trajano traça em seu artigo a formação do PTB, a partir do momento em que Jango se torna seu presidente e posteriormente, com a redemocratização e o declínio da ditadura militar, a fundação do PDT de Brizola.

Ao final, Trajano conclui que a morte de Brizola em 2004 deixou uma questão a respeito do fim ou da continuidade do projeto político varguista, já que, segundo o autor, Brizola não deixou herdeiros políticos. A idéia de legado político aparece fortemente no artigo.

Neste sentido, a entrevista com o jornalista Luiz Antonio Villas-Boas, contribui, para dar continuidade à idéia de Trajano. Porém, o jornalista discorda da idéia de que Brizola teria sido um herdeiro de Getúlio, já que, segundo ele, o primeiro era um homem de esquerda.

Ao longo da entrevista, Villas-Boas traça uma perspectiva a respeito do contexto da crise de 54, o modo com que a imprensa contribui para a divulgação das idéias anti-Vargas, principalmente o jornal Última Hora, a Tv Tupi e a Rádio Globo. O jornalista fala ainda de sua carreira como jornalista político e comenta a cobertura da imprensa política nos dias atuais.

Conclusão

Todas as revistas trazem referências bibliográficas e citações de pesquisadores no corpo dos textos (exceto a *Desvendando*), bem como dá os créditos às fotos e ilustrações que compõe os artigos.

As revistas *Aventuras na História* e *Desvendando a História* apresentam a matéria como sua. Já a *Nossa História* prefere passar a outros pesquisadores a autoria dos textos.

Apesar de abordarem o tema de maneiras diferentes, quer dizer, com maior ou menor profundidade, e também no que concerne o tipo de linguagem, mais ou menos acessível, as revistas trabalham no sentido de construir a figura de Getúlio como o grande mito, contrariando uma primeira impressão que tivemos ao tomar contato pela primeira vez com o material. Quer dizer, a *Nossa História* trabalha realmente com a idéia de construção no corpo de seus artigos, já as demais, tratam a questão do mito Getúlio Vargas como algo dado, pouco ou nada questionável.

Um exemplo bastante representativo no tocante às construções, é a questão da carta – testamento. Vale notar a maneira com que as revistas tratam o assunto, com “profundidades” diferentes. A *Aventuras* lança a questão da dúvida, mas não resolve a problemática. Já a *Nossa História* chega a desconstruir a autoria única da carta. E a *Desvendando* nem sequer chega a propor a hipótese.

Certamente essa diferença de abordagens está relacionada com os dados já citados referente a público alvo e objetivos das revistas. Tentando ensinar um pouco mais a um público leigo ou recém iniciado no estudo de história, as revistas apresentam o tema sem grandes questionamentos ou ambigüidades, para a assimilação direta da idéia como diagnóstica e não com hipótese, diferente do que faria uma revista indexada, que proporia a tese a partir de uma hipótese.

ECLÉTICA - 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Créditos:

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Departamento de História

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.